

30-06-2023

## "Atingidos do Trabalho"

Agnes Zoé Garal

[Assessora de Imprensa Sindical. Supervisora de *clipping*]

Temos conversado aqui sobre o sindicalismo e em alguns momentos abordamos aspectos da fragilização do movimento sindical por múltiplas e complexas razões. Fragilização que tem levado, por exemplo, à organização dos trabalhadores por aplicativos em movimentos sociais, também potentes em suas reivindicações por direitos trabalhistas e previdenciários, mas sem pretenderem mudanças no sistema de trabalho, por exemplo pela ampliação de postos de trabalho na entrega de refeições a domicílio, proibição de aprazamento escorchantes de entregas etc. Fragilização que se agrava ao abrir espaços de luta a movimentos identitários que por sua vez não incluem a saúde de todos nós trabalhadores em suas pautas. O movimento sindical brasileiro, que teve papel central na reforma sanitária durante a redemocratização e culminou na criação do SUS em 1988, hoje arrefeceu.

A união dos trabalhadores tão preconizada por Marx e Engels, no Manifesto Comunista (1948), esfalca-se no partidário político, na busca por ganhos individuais (adicionais de insalubridade, periculosidade, penosidade) e no anseio por planos de saúde (na verdade, 'de doença'). O fato é que os movimentos sociais na década de 1980, berço da Saúde do Trabalhador no Brasil, surgiam/surgem agregando trabalhadores adoecidos pelo trabalho que reivindicavam reconhecimento e justiça. Nasceram então as organizações de trabalhadores "atingidos do trabalho". Esta denominação – mencionada por [Diana Antonaz e Leite Lopes](#) (2005) se refere aos trabalhadores adoecidos, intoxicados, incapacitados, alguns já mortos, cujo trabalho, reconhecido oficialmente (ou não) atuou direta ou indiretamente no processo de adoecimento e morte. As organizações de "atingidos pelo trabalho" se constituem *em nova estratégia de trabalhadores no enfrentamento de empresas e instâncias de governo. [...] não se constituem, via de regra em organizações estruturadas, são dinâmicas, de composição variável* focados na atuação individual e coletiva. *Freqüentemente constituídos a partir das organizações sindicais, tendem algumas vezes a autonomizar-se e além de reivindicarem "reconhecimento e justiça", ampliam sua atuação para outras esferas de direitos civis e sociais, produzindo junto com outros grupos [...] uma categoria cumulativa e mais geral de atingidos.* (idem, p.1). Enlaçados na luta pela saúde, sindicalistas e profissionais da saúde nas universidades se organizaram em torno da "Saúde do Trabalhador", unindo protagonismo e saberes dos trabalhadores aos de especialistas e pesquisadores. Possibilitava-se, assim, a contraposição ao controle do Estado, através do Ministério do Trabalho, à "lógica atuarial-judicial" da perícia previdenciária e à hegemonia empresarial. Essa articulação propiciou a denúncia de "milhares de doenças associadas ao trabalho" [...] *sendo que algumas vêm a ser formalmente reconhecidas [pelo INSS ou judicialmente] gerando direitos previdenciários e/ou garantindo indenização por parte das empresas, o que configura ação coletiva voltada para a aquisição de direitos anteriormente inexistentes. ....* Organizaram dossiês, manifestações públicas e divulgação à imprensa, fortalecendo o movimento e a pressão sobre o governo.

*Trata-se aqui de um processo de formação e de reprodução de intelectuais - ou especialistas orgânicos, em torno dos quais se formam grupos de "atingidos pelo trabalho" - . Inicialmente, a organização tem lugar no interior de cada sindicato, sendo que por iniciativa de uma ou mais entidades de trabalhadores são organizados fóruns intersindicais.* Nas décadas de 1980 a 2000 surgiram, dentre outras, as associações: ABREA (Associação Brasileira dos Expostos ao Amianto); AEIMM (Expostos e Intoxicados por Mercúrio Metálico); ACPO (Contaminados por Poluentes Orgânicos Persistentes); AVICCA (Vítimas de Contaminação por Chumbo); ADRVT-CPA (Defesa dos Reclamantes e Vitimados por Doença do Trabalho na Cadeia de Produção do Alumínio); associação dos trabalhadores contaminados por benzeno em refinarias e siderúrgicas, com a pioneira associação dos leucopênicos de Volta Redonda; AVCésio (vítimas do Césio 137); dos trabalhadores contaminados por substâncias radioativas; e diversas associações em diferentes estados de trabalhadores contaminados por agrotóxicos no campo e de portadores de LER/DORT (Antonaz e Leite Lopes, 2005, p.2-4, 7). Daí aglutinaram-se, à época, movimentos nacionais como o "Caça Benzeno", a "Rede Ban Asbestos", a "Operação Abaixo a Poeira" e a "Campanha da LER" ([Gaze et al.](#), 2011, p.320). Associações em defesa de vítimas de acidentes de trabalho, de acidentes de trânsito continuam a surgir no século XXI. No recente triênio da pandemia (2020-2023...), nascem as Associações de Vítimas (inclusive trabalhadores) e Familiares da Covid-19. O espalhamento deste vírus – monitorado em tempo real por organismos internacionais, sindicatos, grande mídia, redes sociais, sociedade – gerou pânico.

Os mais de 8 mil trabalhadores que há décadas morrem anualmente no trabalho ou pelo trabalho não conquistaram empatia, apontando para a necessidade de se manter a mobilização e adentrar em novos espaços de luta. Mas esses trabalhadores e suas famílias têm pressa... Têm pressa os que não conseguem respirar por terem perdido os pulmões para as poeiras. Quem perde pernas, braços, visão, audição, dentre outros, em acidentes de trabalho tem pressa. Quem é acossado pela pressa dos aplicativos de trânsito, que leva suas pernas, braços, olhos, medula, e outros órgãos, paralisa-se, fica sem trabalho, sem sustento... e tem fome e pressa. As famílias dos atingidos por acidentes de trabalho têm pressa e fome. Os envenenados no campo e nas cidades – inclusive dentro dos limites regulamentados por *lobbies* ruralistas e seguidos por toxicologistas 'científicos' – percebem tarde demais que nem adianta ter pressa, o câncer pré-datou sua morte. Os expulsos do trabalho pela reestruturação 'necroprodutivista', por não atingirem metas astronômicas, têm pressa. Os expulsos de suas casas pelos programas extrativistas, latifundiários e especuladores imobiliários têm pressa. Os atingidos pelas certezas científicas, que lhes nega direitos de reconhecimento do nexos causal de suas dores com o trabalho, têm pressa. Os precocemente eliminados do trabalho – por tirarem suas próprias vidas ou encerrarem cedo demais seus trabalhos – têm pressa. Porque *"vida é trabalho//E sem o seu trabalho//O homem não tem honra//E sem a sua honra//Se morre, se mata//Não dá pra ser feliz//Não dá pra ser feliz"* ([Guerreiro Menino](#). Gonzaguinha, 1983).

♦ ♦ ♦

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.